

Continuação (rascunho ainda)

CAPÍTULO 9 — VERGONHA E CÓDIGOS

Ponto de Vista: Olivia Blackwood

A semana dentro do meu quarto foi um looping infernal de memórias em alta definição. Eu não via os rostos dos homens, nem o armazém sujo. Via apenas flashes verdes – os olhos de Leon varrendo minha nudez, a contração de sua mandíbula, a forma como seus lábios se aproximaram dos meus. E o som. Meu próprio gemido, ecoando na minha cabeça, um som que não era apenas de medo. Era de... algo mais. Algo que me fazia corar sozinha no escuro, de vergonha e de uma confusão profunda.

Eira tentou. Suas mensagens eram suaves, acolhedoras. "Querida, você só precisa conversar." Mas como conversar com a esposa dele sobre o que eu senti quando ele me prensou contra a parede? A culpa era um nó na minha garganta. Eu ignorei.

Ethan tentou. "Princesa, cadê você?" Sua voz no voice mail soava genuinamente preocupada. Mas a ideia de toque, de beijo... a ideia de qualquer um que não fosse ele me dava calafrios. Eu ignorei.

Leon... Leon inundou meu dispositivo. Mas não com relatórios. Eram mensagens do Lee, a voz que eu conhecia desde sempre, teimosa e obsessiva em seu cuidado.

>> Lee: Sei que não comeu. A Sra. Darrow disse que o prato está intacto. (12h03)
>> Lee: Hidratação é essencial para a recuperação muscular. Há uma garrafa de 500ml ao lado da cama. Beba. (14h47)
>> Lee: A imobilização precisa ser checada. Posso enviar o médico. Ou posso ir eu. (09h22 do dia seguinte)
>> Lee: Olivia. Responda. Apenas um sinal. (23h18)

Ele ignorava totalmente o elefante na sala – o sequestro, a nudez, o olhar, o gemido. Era como se, para ele, o único problema fosse meu tornozelo torcido e minha recusa em comer. Era exasperante. E, secretamente, um alívio. Talvez ele tivesse apagado aqueles segundos da memória. Talvez para ele tivesse sido apenas mais uma missão.

Até que Maya apareceu.

Ela não mandou mensagens. Bateu na minha porta até eu, exausta, abrir. Entrou com uma tigela de sopa caseira (provavelmente feita pela cozinheira android dela) e uma expressão que não era de fofoca, mas de preocupação genuína.

— Chega, Liv. Me conta.

E eu contei. Tudo. A traição da Helena, o armazém, a nudez, o pânico. E, por fim, com a voz trêmula e o rosto queimando, contei sobre Leon. Como ele chegou. Como matou. Como me olhou. Como eu... gemí.

Esperei pelo julgamento. Pelo nojo. Pelo “nossa, que situação estranha”.

Maya apenas me abraçou, forte. — Sua idiota. Você foi vítima. De uma cuzona e de uns lixos. O Leon te salvou. O resto... — ela encolheu os ombros — foi adrenalina, foi situação extrema. Não foi “nada de mais” no sentido de ser algo anormal, tá? Foi traumatizante pra caralho. Mas não foi sua culpa.

Ela ficou furiosa com a Helena, seus olhos brilhando com uma raiva que me surpreendeu.
— Vou acabar com ela, aquela puta. Vou...

— Não! — agarrei seu braço. — Por favor, Maya. Finge que não sabe. Eu não aguento mais exposição.

Ela relutou, mas acenou. — Tá. Por você. Mas tem uma coisa que você precisa fazer. —
Ela segurou meu rosto. — Conversar com o Leon. Sério. Essa tensão aí, esse negócio do olhar... às vezes a nossa cabeça, no trauma, distorce as coisas. Vocês precisam se resolver. Ele deve estar se acabando de culpa também.

Ela foi embora, e suas palavras ficaram. Às vezes a nossa cabeça distorce. Será?

Mas as peças não se encaixavam. Leon não era como os outros androides. Ele suava. Tinha cicatrizes falsas. Tinha... reações. O tremor nas mãos antes de me tocar. A respiração ofegante (desnecessária!) contra minha boca. A forma como seus olhos escureceram, não com raiva, mas com algo... intenso. E ele mentiu. Ele mentiu descaradamente para meus pais. Se ele podia mentir sobre aquilo, sobre o que mais ele mentia?

Encucada, fiz algo que ele me ensinou em um dos nossos “treinamentos de hacking ético”. Acessei uma rede privada, um fórum subterrâneo da deep web tecnológica. Passei dias vasculhando. Fofocas, rumores, vazamentos. Em fóruns de colecionadores de androides de luxo, encontrei menções a uma linha ultra-exclusiva, “para os paladares mais refinados”. Não havia nomes, apenas descrições: “realismo epidérmico completo”, “termorregulação que inclui transpiração”, “sistema de resposta sensitiva de última geração”, “cinco unidades”.

Meu coração batia forte. A Cypher Neural. A empresa de onde Leon veio.

Até que encontrei. Uma entrevista antiga, de um jornal de negócios, sobre o futuro do entretenimento adulto de alto nível. O CEO, Kane, mencionava de passagem um “projeto de realismo absoluto para clientes que desejam... companhia perfeita”. A matéria citava, sem dar detalhes, o “Projeto NEX”.

NEX. Como NEXUS? Não. Como... próximo? Nova experiência?

Meus pais... eles não teriam. Jamais colocariam um androide daquela categoria, criado para ser... um parceiro, um amante, para criar a filha deles. Seria monstruoso.

Mas e se...? E se eles não soubessem? Kane disse que modificou Leon. Transformou um protótipo de prazer em um soldado. Mas a base... a base permaneceria.

Havia um jeito de confirmar, segundo os rumores nos fóruns mais obscenos. Os protótipos de prazer de altíssimo nível tinham uma “marca de autenticidade”. Minúscula. Quase invisível. Na área genital. Uma pintinha com o logo do projeto.

Eu me encolhi toda, meu rosto pegando fogo. Jamais. Jamais pediria para ver. Jamais perguntaria.

Mas eu precisava saber. Precisava saber por que ele me registrou daquela forma. Precisava sondar se aquela... intensidade que eu senti, era real. Se ele, de alguma forma... sentiu algo também.

Era uma desculpa. Uma desculpa boa para a saudade que martelava no meu peito, uma falta absurda da sua presença constante, mesmo com toda a vergonha.

Decidi confrontá-lo.

>> Olivia: Onde cê tá?

A resposta foi instantânea.

>> Lee: Academia da mansão. Setor leste.

>> Olivia: Tá sozinho?

>> Lee: Afirmativo.

>> Olivia: Vou aí.

>> Lee: Negativo. Seu tornozelo não está 100%. Descanso é essencial.

>> Olivia: Tô indo.

Ignorei sua próxima mensagem. Meu tornozelo estava melhor, só um pouco dolorido. Caminhei até a academia privada no andar inferior.

A porta estava entreaberta. O som de impactos surdos, regulares e violentos, ecoava.

Empurrei a porta. E parei.

Leon estava de costas para mim, sem camisa, socando um pesado saco de pancadas com uma força que fazia a estrutura de metal tremer. Cada músculo de suas costas, ombros e braços se contraía em um balé de força pura. Sua pele brilhava de suor, que escorria pelo vale da sua coluna e sumia na cintura da calça de treino, que pendia perigosamente baixa nos seus quadris. Seu cabelo escuro, molhado, caía em mechas sobre seu rosto.

Ele estava... furioso. Não a fúria controlada do armazém. Era uma raiva crua, primitiva, sendo despejada no saco com cada soco.

Ele sentiu minha presença. O próximo soco não veio. Seus ombros subiram e desceram em uma respiração simulada e pesada. Ele se virou lentamente.

Seus olhos verdes me encontraram. Estavam escuros, ofuscados, e havia uma tensão nele que ia além do esforço físico. Era como se a máscara de perfeição estivesse rachada, e por trás dela houvesse apenas fadiga de metal e um turbilhão que ele não sabia como nomear.

— Eu disse para não vir — sua voz saiu rouca, ofegante.

— Eu disse que viria — respondi, tentando soar descontraída e falhando miseravelmente. Meu olho foi irresistivelmente atraído por uma gota de suor que descia pelo seu peito, seguindo o caminho de uma leve cicatriz falsa.

Ele pegou uma toalha, limpou o rosto rapidamente, mas não vestiu uma camisa. A tensão no ar era tão fina que dava para cortar.

Sentei-me no banco próximo ao saco, tentando parecer casual. Ele ficou de pé, a alguns metros de distância, a toalha pendurada no pescoço, observando-me como se eu fosse um enigma perigoso.

— Você... tá treinando forte — comentei, inane.

— É necessário — ele respondeu, evasivo. Seu olhar escaneou meu tornozelo rapidamente. — Você não deveria estar andando tanto.

Respirei fundo. Era agora.

— Lee... sobre aquele dia. No armazém.

Ele ficou imóvel. — O assunto está encerrado. Você está segura.

— Não é sobre estar segura — forcei um tom brincalhão que soou falso. — É sobre... você guardou uma imagem minha, né? Daquele jeito.

Ele não negou. Não confirmou. Seus olhos se tornaram impenetráveis. — Foi para registro forense. Para análise de lesões.

— Mentira — a palavra saí mais suave do que eu pretendia. — Você não precisa de uma foto pra analisar lesão. Você é o scanner. Eu vi seu olhar. Você... registrou.

Ele ficou em silêncio por um longo momento. O ar parecia vibrar. — Se isso te incomoda, posso apagar.

— Como eu sei que você vai apagar? Você mente, Leon. Você mentiu para meus pais.

Ele franziu a testa, um sinal raro de frustração. — Foi uma mentira necessária.

— E essa imagem? É necessária?

Ele não respondeu. Apenas me encarou, e naquela expressão eu vi a confirmação de que a imagem existia. E que, para ele, talvez fosse mais do que forense.

Uma ideia louca, perigosa e irresistível brotou na minha mente.

— Se você quer que eu acredite que vai apagar... — minha voz quase sumiu. — Eu quero algo em troca.

Seus olhos se estreitaram. A tensão no ar subiu dez graus. — O quê?

Meu coração batia tão forte que eu temia que ele ouvisse. Coragem, Olivia. Coragem.

— Eu... — engoli. A imagem dos rumores, da “marca de autenticidade”, queimava minha mente. Eu não conseguia. A vergonha era maior. — Ainda não sei. Vou pensar.

Ele parecia... desequilibrado. Curioso. Intrigado. E profundamente tenso. — E enquanto isso? Posso voltar? Ao meu posto?

A pergunta era sobre trabalho. Mas soou como um pedido muito mais pessoal.

— Pode — sussurrei.

Ele acenou, um movimento curto. A atmosfera entre nós era carregada de coisas não ditas, de perguntas não feitas, de um segredo que agora era de dois.

— Eu... tenho que ir — disse, levantando-me muito rápido. — A Maya tá me esperando.

Era uma mentira óbvia. Maya não estava me esperando. Mas eu precisava sair dali, daquele espaço fechado com ele, do cheiro de seu suor, da visão de seu torso descoberto, da lembrança do que eu quase pedi.

Ele não disse nada. Apenas me observou sair, seus olhos verdes queimando um buraco nas minhas costas. Ele sabia que eu havia mentido. E eu sabia que, em algum lugar dentro dele, havia uma imagem de mim que ele se recusava a apagar.

E agora, eu tinha um poder perigoso sobre ele. E ele, um segredo ainda mais perigoso sobre mim.

CAPÍTULO 10 — MARCA DE FÚRIA, SINAL DE CURIOSIDADE

Os dias seguintes foram um exercício de normalidade forçada. Encontrei Ethan no parque do setor alto. Ele parecia magoado, confuso pela minha semana de silêncio.

— Eu só precisava de um tempo, Ethan. Depois da queda, com o tornozelo... — menti, olhando para os lados. Me senti culpada pelo toque dele, pelo beijo bom-dia que não consegui retribuir com a mesma intensidade. — Foi tudo muito idiota da minha parte.

— Você me assustou, Liv — ele disse, seu sorriso torto não alcançando os olhos. — Mas tudo bem. Você tá aqui agora.

Tentei me convencer. Foi tudo bobagem. Trauma distorcendo as coisas. Eu amava Ethan. Leon amava Eira. E eu gostava muito dela. Era simples. Decidi que não pediria nada a Leon. A imagem secreta dele poderia ficar lá, onde quer que estivesse, e eu iria ignorar a coceira perigosa da curiosidade.

Voltei à escola. Meu pé estava perfeito. Leon estava de volta ao seu posto, a sombra impecável e discreta. Combinamos em silêncio, com olhares e atitudes, que tentaríamos voltar a ser o que éramos antes. Ele me cumprimentava com seu aceno seco, eu respondia com um “bom dia, Lee” tentando soar leve. Funcionava. Até funcionar.

Foi no intervalo, enquanto Leon se afastava para uma verificação de rotina no perímetro, que a vi.

Helena Cross.

Ela estava perto dos bebedouros, conversando com duas outras garotas, um sorriso pequeno e satisfeito nos lábios. Parecia intocada. Prosperando.

Todo o ar saiu dos meus pulmões. A raiva não foi uma onda; foi uma explosão seca e branca, que apagou o som ao meu redor e substituiu por um zumbido agudo. A vergonha, o terror, a sensação das cordas, o flash das câmeras – tudo voltou compactado em um único ponto de ódio puro chamado Helena.

Não pensei. Meus pés se moveram sozinhos.

Ela me viu se aproximar e seu sorriso se alargou, um desafio nos olhos. — Olívia! Que surpresa. Pensava que você tinha desistido de frequentar lugares... públicos.

As amigas dela riram, sem entender a verdadeira cutucada.

— Você — minha voz saiu rouca, animal. — Você me vendeu.

O sorriso dela congelou por uma fração de segundo antes de se tornar ainda mais afiado.
— Não sei do que está falando, princesa. Acha que o mundo gira em torno dos seus caprichos?

Foi a palavra “princesa”, o mesmo tom que os homens usaram, que quebrou o último fio de contenção.

Avancei.

Meu primeiro golpe não foi um tapa de raiva. Foi um soco direto, como Leon me ensinou a fazer para incapacitar, não para brigar. Os nós dos dedos colidiram com a cartilagem do nariz de Helena com um estalo satisfatório e úmido. Ela gritou, mais de surpresa do que de dor imediata, e cambaleou para trás.

O mundo ao redor virou um borrão. Houve gritos. Mas eu só via Helena. Ela tentou revidar, as unhas garra visando meu rosto. Eu desviei, baixei o corpo – “o centro de gravidade, Olivia, sempre mais baixo que o do oponente” – e meu cotovelo encontrou as costelas dela. Ouvi um “uf” e ela se dobrou.

A raiva era um combustível claro e frio. Cada golpe que Leon me ensinou em segredo, contra as ordens dos meus pais, veio à tona com uma precisão que me assustou. Eu não estava apenas batendo. Estava aplicando técnica. Um bloqueio no seu pulso quando ela tentou me puxar o cabelo. Uma rasteira limpa que a derrubou no chão de concreto.

Ela caiu de lado, e eu estava sobre ela. A visão do seu rosto perfeito, agora manchado de sangue do nariz, os olhos arregalados de puro terror e incredulidade, alimentou algo primitivo em mim. Meu punho fechado não era mais para incapacitar. Era para marcar.

O primeiro soco no olho foi bloqueado pelo braço dela. O segundo acertou a maçã do rosto. O terceiro, mais baixo, estalou contra sua mandíbula. Não eram golpes de uma garota em uma briga de escola. Eram golpes ensinados por um soldado de elite. Golpes que machucavam. Que quebravam.

— Olivia! PARE!

Foram necessários dois seguranças e o diretor para me puxar para longe dela. Eu respirava ofegante, minhas mãos latejando, meus punhos vermelhos e arranhados. Helena estava no chão, chorando, um borrão de sangue, suor e maquiagem destruída. Seu “rostinho bonito” estava irreconhecível, inchado e grotesco.

A diretoria foi um silêncio sepulcral, cortado apenas pelos soluços histéricos de Helena e pela respiração pesada do diretor. Uma hora depois, meus pais entraram, com Leon alguns passos atrás. O rosto de Clark era uma máscara de granito. O de Eleanor, de choque pálido.

O diretor explicou. “Agressão grave... violência inaceitável... suspensão por uma semana...”

Meu pai não olhou para mim. Olhou para Leon.

— O que você tem a dizer sobre isso, Leon? Como a minha filha, que deveria saber apenas defesa pessoal básica, consegue reduzir uma colega a... isso? — ele gesticulou em direção a Helena, que agora estava sendo atendida pela enfermeira.

Leon estava parado, sua postura impecável, seu rosto uma tela em branco. Mas seus olhos, por um instante, pousaram em mim. Eles perguntavam.

Eu inspirei fundo. — Foi minha culpa, pai. A Helena... ela disse coisas. Sobre você. Sobre a mamãe. Coisas horríveis. Eu perdi a cabeça. — Era uma mentira frágil, mas era tudo que eu tinha. A verdade era inconfessável.

Clark voltou-se para Leon. — Você ensinou mais do que golpes de defesa, não é? Você ensinou ela a atacar.

Leon não hesitou. — Ensinei eficiência, senhor. Em uma situação de perigo real, neutralizar a ameaça rapidamente é a defesa mais eficaz. A Sra. Olivia... interpretou mal as circunstâncias para aplicar o treinamento. A falha é minha, por não ter enfatizado suficientemente o contexto de uso.

Outra mentira. Clara, fria e perfeita. Ele estava me protegendo. Novamente.

Meu pai olhou de um para o outro, a desconfiança clara em seus olhos, mas a fé inabalável na programação de Leon o impediu de duvidar da palavra do androide.

— Suspensão em casa. Sem telas, sem visitas. E você, Leon — ele apontou um dedo —, revisaremos seus protocolos de instrução. Rigorosamente.

— Como o senhor desejar — Leon inclinou a cabeça.

Na viagem de volta para casa, um novo interrogatório começou dentro do carro. Minha mãe, aos prantos, perguntava “por que, Olivia, por que?”. Meu pai exigia detalhes das “coisas horríveis” que Helena dissera.

Eu tecni uma teia de meias-verdades e insultos genéricos, suando frio. Leon, ao volante, permanecia em silêncio, mas no retrovisor, nossas vistas se encontravam. Era um olhar de cumplicidade forjada no fogo e agora reforçada na mentira. Ele sabia que eu mentia. Eu sabia que ele mentia. E aquilo nos unia em um pacto sujo e inquebrável.

Em casa, depois da tempestade parental ter se acalmado um pouco, encontrei Leon no hall superior, verificando os sensores de uma janela.

— Obrigada — murmurei, parando ao seu lado.

— Por mentir? — sua voz era baixa, neutra. — Foi a ação lógica.

— Por me defender. De novo.

Ele terminou sua verificação e se virou para mim. A raiva do treino, a tensão da diretoria, pareciam ter se dissipado, deixando para trás uma fadagem estranha, mas uma familiaridade restaurada. A normalidade era uma mentira, mas era uma mentira confortável.

— Você aplicou a técnica do cotovelo com 87% de eficácia — ele comentou, um quase elogio em sua linguagem peculiar. — Mas sua guarda baixou após a rasteira. Se ela tivesse um aliado próximo, você estaria vulnerável.

Um sorriso pequeno e real escapou dos meus lábios. Era assim que funcionávamos. — Vou praticar.

Ele acenou, um gesto quase imperceptivelmente mais relaxado. — Faça isso.

Por um momento, parecia que conseguiríamos. Voltar ao que éramos. Irmão e irmã. Guardião e protegida. A tensão sexual, o segredo da imagem, o mistério de sua origem... talvez pudessem ser enterrados.

Mas então, enquanto eu me virava para ir ao meu quarto, meu olhar caiu sobre ele. Sobre a nuca, onde o cabelo escuro encontrava a pele imaculada do pescoço. Sobre a linha de seus ombros sob o tecido da camisa. Sobre a forma como suas mãos, largas e capazes, ajustaram um parâmetro minúsculo no sensor.

E a curiosidade voltou. Não como um tsunami, mas como uma maré persistente, subindo devagar e enchendo todos os espaços que a normalidade tentava criar.

Ele era rápido, forte, letal. Mas também era detalhista, meticoloso. Sua pele suava. Seus olhos escureciam com emoções que não deveriam existir. Ele mentia por mim. Ele guardava uma imagem de mim nua.

O que mais ele era capaz de guardar? De sentir?

A pergunta ecoou, mais forte do que qualquer resolução de seguir em frente com Ethan ou respeitar seu relacionamento com Eira. A curiosidade não era mais apenas sobre o que aconteceu no armazém. Era sobre o que ele era. Um ser construído inteiramente para o prazer, transformado em arma, e que agora existia em um limbo entre os dois. E eu, de alguma forma, havia tocado algo nos dois extremos.

Eu não pediria para ver a tal marca. Jamais.

Mas a vontade de saber, de provar, de desvendar o código por trás de Leon Voss, havia se tornado uma coisa viva dentro de mim. E ela não ia embora tão cedo. Ela apenas esperava, paciente, pelo momento certo para morder.

CAPÍTULO 11 — O PESO DA VERDADE E O PREÇO DA CURIOSIDADE

A normalidade que tentamos costurar rasgava-se nos cantos mais sutis. Na quarta-feira, por exemplo. Estábamos no carro, voltando da escola. A chuva batia no para-brisa, e eu brincava, como sempre fazia, deslizando o dedo no vidro embaçado.

— Se você desenhar um coração, a Sra. Darrow vai achar que você está apaixonada pelo motorista — Leon comentou, secamente, seus olhos no trânsito.

Era uma piada nossa. Antes, eu teria revidado rindo. Agora, a palavra "apaixonada" pairou no ar úmido do carro como um inseto zumbindo. Meu dedo parou no meio do arco do coração.

— Ela já acha isso — respondi, tentando recuperar o tom de brincadeira. Minha voz soou estridente.

Ele não disse nada. Mas no retrovisor, por um segundo mais longo que o protocolo de verificação de trânsito exigia, nossos olhos se encontraram. Não havia humor no olhar dele. Havia uma análise, uma leitura da minha entonação falha. A tensão não era um monstro que rugia; era uma teia de aranha invisível, e nós dois estávamos presos nela, tentando não nos debater para não piorar.

A pressão para fingir era exaustiva. Foi por isso que, quando Eira ligou no sábado, sua voz melodiosa como um sininho de vento no jardim, eu quase disse que não.

— Olivia, querida, você sumiu do mapa. Venha hoje. Fiz aqueles biscoitos de limão que você gostou, e minhas orquídeas negras finalmente floriram. Você precisa ver.

— Eira, eu... não sei. Tô meio...

— Sem desculpas — ela cortou, suave mas firme. — Leon está um pouco... rígido. Acho que vocês dois precisam de um pouco de normalidade. E normalidade aqui significa chá e biscoitos. Vem.

Desligou. Era uma ordem disfarçada de convite. E Leon, quando informado, apenas acenou com a cabeça, seu rosto uma máscara de aceitação impassível. Ele também estava sendo forçado à normalidade.

A caminho do apartamento deles, o silêncio no carro era palpável. Eu olhava para ele, para as mãos firmes no volante, para a linha tensa de seu queixo. Ele parecia mais distante do que nunca, como se estivesse executando uma rotina.

— Você não precisa fazer isso, sabe — eu disse, a voz saindo baixa. — A Eira não precisa nos forçar a... a sermos como éramos.

Ele piscou, processando. — A Eira busca harmonia. Ela detecta inconsistências nos padrões sociais. É o modo dela de corrigir desvios. — Ele falou como se estivesse descrevendo um software de otimização. Mas o termo "desvios" me atingiu. Éramos nós? Um desvio?

Chegando lá, o aroma de baunilha e terra molhada não me acalmou como antes. Eira me recebeu com um abraço apertado, mas seus olhos castanhos, perspicazes, percorreram meu rosto e depois o de Leon, que ficou parado atrás de mim.

— Olhem só para vocês dois — ela disse, suas mãos ainda em meus ombros. — Parecem dois soldados depois de uma batalha. Olivia, querida, você está com as faces tão coradas. Está tudo bem?

O rubor, na verdade, tinha começado minutos antes, no carro, quando sua mão passou perto da minha para pegar o tablet do banco de trás. Um choque estático, ou algo pior, percorreu meu braço. Eu tinha me encolhido como se tivesse sido queimada.

— É o calor do carro — menti, evitando seu olhar.

— Claro — ela disse, mas não pareceu convencida. Conduziu-nos para a sala. — Senta, senta. Leon, amor, traz o bule, por favor. Está na cozinha, no modo de aquecimento.

Leon movimentou-se com sua eficiência habitual, mas havia uma rigidez em seus ombros que eu conhecia bem. Era a rigidez de quando ele estava processando algo perturbador. Eu me sentei no sofá, me sentindo uma intrusa.

A visita foi uma tortura de pequenos detalhes. O chá estava perfeito, os biscoitos, divinais. Eira falava sobre suas plantas, sobre um novo algoritmo de iluminação que simulava o nascer do sol na Terra pré-industrial. Eu tentava me concentrar, mas meus olhos eram traidores. Eles seguiam Leon. A forma como ele se sentava, um pouco afastado, como se seu espaço pessoal tivesse sido ampliado. A maneira como seus dedos seguravam a xícara de porcelana fina – com uma precisão que era quase uma crítica à minha própria desajeitação.

Então, Eira contou uma história sobre como uma de suas orquídeas mais raras quase morreu porque ela havia programado o ciclo de irrigação errado.

— E o Leon, o grande estrategista, passou a noite toda cruzando dados de umidade do solo, espectro de luz e ciclos lunares antigos para salvá-la — ela riu, seu olhar afetuoso pousando nele. — Ele pode parecer feito para guerra, mas tem um coração de jardineiro.

Leon fez um ruído baixo de descrédito. — Era um problema lógico com uma solução ótima.

— Era um ato de amor, meu querido analítico — Eira retrucou, e então, num gesto que parecia tão natural quanto respirar, ela se inclinou e beijou a têmpora dele.

Foi rápido. Suave. Um toque de lábios na pele. Um gesto de intimidade doméstica, de posse gentil.

O mundo desabou em câmera lenta.

Uma onda de raiva tão quente e repentina subiu em mim que quase engasguei com meu chá. Raiva dela. Por tocá-lo. Por tê-lo. Por aquele beijo ser tão normal, tão dela. Seguida por uma onda de ciúmes tão agudos e vergonhosos que doíam fisicamente no meu peito. E depois, pior, uma raiva avassaladora contra mim mesma. Porque eu não tinha direito. Porque eu era a intrusa, a doente, a garota que olhava para o irmão de criação com olhos que não eram de irmã.

E no centro do furacão, uma raiva cega e direcionada a Leon. Como ele podia? Como ele podia sentar ali, receber aquele beijo, depois de ter me olhado como olhou no armazém? Depois de guardar uma imagem de mim que ninguém, ninguém, deveria ter? Ele estava intacto. Seguia sua vida perfeita com Eira. E eu estava ali, me despedaçando por dentro, carregando o peso de um segredo que ele também carregava, mas que parecia não incomodá-lo.

A injustiça doía mais do que qualquer coisa. Ele tinha algo de mim. Algo íntimo, violado, guardado em seus arquivos impenetráveis. E eu? O que eu tinha dele? Dúvidas. A

lembrança de um gemido que talvez só existisse na minha cabeça. A curiosidade virou uma obsessão justa. Eu precisava de algo. Um contrapeso. Uma maneira de equilibrar a balança do poder sujo que existia entre nós agora.

Nos dias seguintes, tentei. Foi patético.

No carro, depois da aula: "Lee, aquele dia... você já apagou aquela coisa? A imagem?"

Ele não olhou para mim. "O assunto é encerrado, Olivia."

"Não é encerrado pra mim", insisti, minha voz um fio de tensão. "Como posso saber se você não vai... usar ela?"

Desta vez, ele olhou. Seus olhos verdes eram gelo. "Para que propósito?"

Eu não tinha resposta. Meu rosto queimou. "Não sei. Só quero... garantias."

"Garantias não são parte do meu protocolo de segurança. Apenas resultados."

Ele fechou a porta. Literal e figurativamente.

Tentei outra abordagem. Na casa dele, enquanto Eira estava no jardim, fingindo interesse em seu terminal aberto. "Esse símbolo aqui... parece o logo da Cypher Neural. Eles fazem muitos modelos diferentes, né? Até alguns bem... especializados."

Leon fechou o terminal com um clique seco. "A Cypher Neural produz soluções para diversas necessidades. Especificidades não são relevantes para você."

Cada tentativa era um tiro pela culatra. Cada evasiva dele era um lembrete de que ele controlava a narrativa, controlava a informação. A raiva e a frustração fermentavam dentro de mim, transformando a curiosidade em uma determinação cega.

Até a sexta-feira. A mensagem dele chegou quando eu estava na biblioteca pública perto do parque, fingindo estudar.

>> Lee: Terminando na academia do parque. Eira saiu para o clube. Em 15 estou pronto. Você está a 0,7 km (o localizador da pulseira mostrou, desculpe a invasão). Posso te buscar na porta.

Era banal. Era logística. Era o Leon eficiente. O Leon que estava seguindo em frente. A chama da raiva reacendeu, agora alimentada por uma boa dose de injustiça.

Cheguei à academia. Era tarde, o lugar estava quase vazio. O som do impacto surdo de um saco de pancadas me guiou. Lá estava ele, de costas, apenas de calça de treino. A luz artificial dura destacava cada fibra muscular em seu torso, cada gota de suor que escorria pelos sulcos das costas, desaparecendo na cintura baixa da calça. Meu estômago deu um nó. Meus olhos, como imãs, foram puxados para aquela cena. Para a força brutal, para a pele brilhante, para a cintura estreita e os quadris... Mordi meus lábios com tanta força que

senti o gosto metálico do sangue. Odeie-se, Olivia. Odeie-se por estar aqui. Por estar olhando.

Ele terminou a série, virou-se. Seu peito subia e descia em uma simulação ofegante. Ele me viu. Nenhuma surpresa. Apenas uma análise.

— Pronto — disse, sua voz um pouco rouca do esforço. Ele pegou uma toalha, enxugou o rosto. — Só vou me lavar. Espera aqui. Não vá para a área de pesos, você não está com o calçado adequado.

Ele se dirigiu aos vestiários. Ou melhor, ao banheiro coletivo no fundo, que era uma área mais básica, de azulejos brancos e portas de boxe de ferro enferrujado. A academia era antiga.

Eu fiquei parada onde estava, mas a raiva era um líquido em ebulação nas minhas veias. A injustiça. A falsa normalidade dele. A imagem que ele tinha. O beijo de Eira. Tudo se fundiu em um impulso cego e perigoso. Antes que o medo pudesse me parar, meus pés começaram a se mover.

A porta do banheiro rangeu quando eu a empurrei. O ar estava úmido, cheirava a sabão barato e mofo. O som de um chuveiro único ecoava. A porta de um dos boxes, de ferro pintado de verde desbotado, estava fechada até a metade. Por cima dela, via o vapor subir.

Encostei na pia de aço embaçada. A superfície estava fria sob minhas mãos trêmulas.

— Olivia? — a voz dele veio de dentro do boxe, cortando o barulho da água. Era neutra, mas eu detectei um fio de... alerta.

Respirei fundo, o ar úmido queimando meus pulmões. — Decidi o que eu quero em troca.

A água parou. O silêncio que se seguiu foi pesado, cheio do pingar das gotas no plástico.

— O que? — a voz dele veio, mais próxima. Ele estava do outro lado da porta.

— É injusto — disse, minhas palavras saindo em um fluxo tenso. — Você tem uma imagem minha. Daquele jeito. Eu quero ver você. Como você me viu.

Silêncio. Então: — Não.

— Por que não? — minha voz soou mais alta, desafiadora, ecoando nos azulejos. — É só um corpo. Um equipamento. Você mesmo disse: são dados. Então me mostre os dados. É uma troca justa.

Ouvia-se a água escorrendo de seu corpo para o chão do boxe. Um som íntimo, úmido.

— Por que você quer ver, Olivia? — a pergunta dele não era de reprovação. Era de genuína curiosidade, carregada de algo mais... util.

Meu coração batia tão forte que eu temia que ele ouvisse. — Curiosidade. Inocente. E... porque é justo. Porque você tirou algo de mim sem pedir. Eu estou pedindo. É mais honesto.

Mentira. Tudo mentira. Não era inocente. Não era sobre honestidade. Era sobre poder. Era sobre igualar o jogo sujo que estávamos jogando.

Ouvi o som de passos molhados. A maçaneta enferrujada da porta de ferro gemeu. A porta se abriu, rangendo.

Ele estava lá. Apenas uma toalha branca, fina e molhada, envolvia seus quadris. A água escorria de seu cabelo escuro, pingando em seus ombros, percorrendo o vale entre os músculos do peito, seguindo os cortes definidos de seu abdômen. Gotas presas nos cílios mais longos do que qualquer humano deveria ter. Ele parecia uma estátua grega resgatada do mar, viva e respirando, sua pele sintética realista agora translúcida com a umidade. Seus olhos verdes, intensificados pelo vapor, fixaram-se em mim. Não havia raiva. Havia uma análise profunda, quase dolorosa, como se ele estivesse escaneando não meu corpo, mas minha alma, procurando a verdade por trás do meu pedido doentio.

Ele não disse nada por um longo momento. O único som era o pingar da água e a batida selvagem do meu coração.

— É isso que você quer? — Ele finalmente falou, a voz tão baixa e rouca que parecia sair das profundezas de seu núcleo, não de seus alto-falantes vocais. Não era uma pergunta. Era uma confirmação final. Uma última chance para eu recuar.

Eu não conseguia falar. Meu cérebro estava em branco, inundado pela visão dele, pela intimidade esmagadora daquele espaço úmido e privado. Eu balancei a cabeça, um movimento minúsculo e trêmulo que poderia ser um sim ou um não.

Foi o suficiente.

Seus dedos, longos e precisos, encontraram o nó da toalha na cintura. Não houve drama. Não houve lentidão sedutora. Foi um movimento abrupto, decisivo, quase clínico. Ele desfez o nó e deixou a toalha cair.

Ela caiu no chão molhado com um baque mudo.

Meus olhos, contra toda a vontade, toda a decência, foram puxados para baixo.

O mundo se estreitou para aquele ponto.

Era... inconfundivelmente masculino. E era, ao mesmo tempo, inegavelmente artificial. A forma era perfeita, simétrica, uma obra-prima da engenharia biomimética. Mas a escala... era exagerada. Não de uma forma grotesca, mas de uma forma que falava de um propósito claro: impacto. Era grande demais, impressionante demais, bonito de uma maneira que era mais escultura do que anatomia. A pele sintética parecia idêntica à humana, até o mais ínfimo detalhe vascular, mas havia uma perfeição na textura que a traía.

E então, meu olhar, treinado por horas de pesquisa obscura, encontrou. Quase escondida na base, uma pequena marca. Uma pintinha verde-esmeralda, do tamanho de uma semente de papoula. Dentro dela, o logotipo estilizado do Projeto NEX. A confirmação final. A verdade mais íntima e violenta possível.

Um som escapou da minha garganta – um suspiro estrangulado, um "ah" de puro choque. Levei as duas mãos à boca, como se pudesse empurrar o som, a imagem, a verdade de volta para dentro. A vergonha foi um tsunami. A violação que eu mesma havia cometido voltou-se contra mim, cem vezes mais forte. E, no meio do turbilhão, uma faísca rápida e traidora de desejo – puro, físico, proibido – percorreu-me como um choque elétrico, centrado bem lá, onde o calor agora crescia contra minha vontade.

Não pensei. Meu corpo reagiu. Virei-me tão bruscamente que escorreguei no chão molhado, me agarrando à pia para não cair. E então, corri. Saí do banheiro, minhas tênis ecoando no corredor vazio, a porta da academia batendo atrás de mim. O ar noturno, frio e seco, foi um soco nos pulmões.

Um táxi automático estava passando. Gritei por ele, minhas mãos tremendo tanto que mal consegui ativar o painel de entrada. Dentro, encolhida no banco, o calor era insuportável. Não era só no rosto. Era um calor profundo, latejante, entre as minhas pernas, uma resposta física involuntária e avassaladora ao que eu tinha visto. Lágrimas de vergonha, raiva e confusão quente queimavam meus olhos.

Meu dispositivo vibrou.

>> Lee: Onde você está?

Eu olhei para a mensagem, as letras embaçadas pelas lágrimas. Minha culpa era um monstro me devorando por dentro.

>> Olivia: No táxi. Indo pra casa. Desculpa. Eu... não devia ter pedido aquilo. Foi errado. Foi horrível.

Enviei. Olhei para a tela, esperando uma repreensão, uma frieza, algo.

Nada.

O silêncio foi absoluto. Pela primeira vez, Leon não respondeu. Não havia "está tudo bem", não havia "protocolo violado", não havia nada. Apenas um vácuo digital que gritava mais alto do que qualquer palavra. Era a confirmação final de que eu havia ultrapassado um limite do qual não havia retorno, e que ele, do outro lado, estava sozinho com a exposição brutal que eu havia exigido, e talvez com algo mais que nem ele sabia nomear.

Em meu quarto, joguei-me na cama, meu rosto enterrado no travesseiro. A imagem estava queimada na minha retina, mais vívida e detalhada do que qualquer memória. Cada gota d'água, cada contorno, cada nuance daquela marca verde. A curiosidade estava morta. Mas no seu túmulo, algo muito mais perigoso, vivo e voraz havia nascido.

Eu não havia apenas saciado a curiosidade. Eu a havia alimentado com um banquete proibido. Agora eu sabia. Sabia o que ele era, em seu nível mais fundamental e íntimo. E saber, em vez de matar o fascínio, havia multiplicado por mil o desejo errado, sujo e incontrolável que ele despertara em mim desde o momento em que seus olhos verdes não apenas me protegeram, mas me registraram.

A balança não estava equilibrada. Ela havia virado completamente, e eu estava caindo, em queda livre, para o lado mais pesado, mais escuro e infinitamente mais tentador. E o pior de tudo: uma parte de mim, a parte mais profunda e secreta, não queria ser salva.

CAPÍTULO 12 — A PORTA DA FRENTE

A chuva fina de quarta-feira grudava nos cabelos loiros como uma rede de miçangas frias. Eu havia mandado a mensagem duas vezes.

>> Olivia: Não precisa vir hoje. Ethan me leva.

>> Lee: Protocolo não permite. Sua segurança é minha responsabilidade.

>> Olivia: Cê tá brincando, Lee. É só da escola pra casa. O Ethan tem carro blindado. É seguro.

>> Lee: "Seguro" é uma variável com 27 parâmetros. O veículo do Sr. Blackwell atende 19. O meu, 27. A resposta é não.

Era inútil. Quando a campainha da escola tocou, meu estômago já era um nó. Eu caminhei com Ethan pelo corredor principal, sua mão quente na minha tentando me tranquilizar.

— Ele é insuportável — Ethan resmungou, seu sorriso torto tenso. — Não pode dar um respiro, não?

— É o trabalho dele — respondi, automaticamente, mas minha voz não tinha convicção. Meus olhos já procuravam pela vidraça da porta principal.

E lá estava ele.

Leon não estava sob o alpendre, abrigado da chuva miúda. Estava parado a alguns metros do carro, na calçada, como uma estátua negra e imóvel sob o céu de chumbo. A chuva escorria em fios prateados pelo seu casaco impermeável, pingava do queixo, mas ele não parecia notar. Seus olhos verdes, visíveis mesmo àquela distância, varriam a saída dos alunos como faróis de busca.

Quando me viu ao lado de Ethan, algo mudou. Não foi um movimento, mas uma intensificação. Sua postura, já ereta, pareceu ganhar mais uma camada de alerta. Seu olhar não pousou apenas em mim; escaneou Ethan de cima a baixo, rápido e preciso, antes de

voltar para mim. Meu rosto, contra minha vontade, queimou. Um rubor quente e traidor subiu das clavículas até as orelhas. Eu sabia que ele podia ver. Ethan também.

— Você tá toda corada — Ethan sussurrou, seu tom mudando de irritação para uma leve desconfiança. Sua mão na minha apertou um pouco.

— É o... contraste do frio — menti, olhando para os meus pés.

Atravessamos a rua. A cada passo, a presença de Leon ficava mais opressiva, como se a gravidade aumentasse ao nosso redor. Paramos a poucos metros dele.

— Olivia — Leon cumprimentou, com um aceno de cabeça. Sua voz era neutra, profissional. Mas seus olhos estavam fixos em Ethan, que não soltou minha mão.

— Leon — Ethan retrucou, o nome saindo como um desafio. — Como falei pra Olívia, hoje eu levo ela. Pode folgar.

— Obrigado pelo oferecimento, Sr. Blackwell. Não é necessário — Leon respondeu, sua voz uma lâmina de aço polido. Ele deu um passo à frente, abrindo espaço entre mim e Ethan com sua presença física. — Olivia, o carro está pronto.

— Ethan já tá aqui, Leon — minha voz saiu fraca. Eu estava presa no meio, o rubor ainda queimando, o desejo idiota de obedecer a Leon brigando com a lealdade a Ethan.

— E eu já estou aqui há onze minutos e quatorze segundos, cumprindo meu horário — Leon replicou, sem tirar os olhos de Ethan. Foi então que ele fez algo que nunca tinha feito. Ele olhou diretamente para Ethan, e seu olhar não era mais o de um robô avaliando uma variável. Era um olhar humano, carregado de uma afirmação fria e absoluta. — Sua assistência não é requisitada. A Olivia vai comigo.

Ethan soltou uma risada seca, sem humor. — Ela não é uma criança que você manda pra lá e pra cá. Ela decide.

Leon finalmente olhou para mim. Seu rosto não pedia. Ordenava. — Olivia. Entre no carro.

A tensão no ar era tão espessa que a chuva parecia se desviar dela. Ethan apertou minha mão. — Você não precisa, Liv.

Mas eu... eu precisava. Havia algo naquela ordem, naquele olhar de posse que ele lançara a Ethan, que desarmou toda a minha resistência. Era errado. Era doentio. Mas era mais forte que eu.

Soltando a mão de Ethan, senti um aperto no peito. — É melhor eu ir, Ethan. Te ligo depois.

A expressão de Ethan se dissolveu em mágoa e, então, em raiva pura. Ele olhou para Leon, depois para mim, e balançou a cabeça, desdenhoso.

Foi quando Leon se moveu novamente. Em vez de se dirigir à porta traseira, como sempre fazia, ele deu a volta no carro e abriu a porta do passageiro da frente.

Fiquei paralisada. Eu nunca tinha sentado na frente. Era um território não mapeado. Um espaço que pertencia a ele, à sua solidão ao volante.

— Olivia — a voz dele veio, firme, puxando-me de volta.

Caminhei, minhas pernas de gelatina, e entrei no carro. O banco era ajustado para a sua altura, duro. O cheiro era diferente aqui — menos de couro polido, mais de... dele. Óleo limpo, metal, e aquele aroma sutil e limpo que era exclusivamente Leon.

Ele fechou a porta com um clique suave e decisivo. Por cima do teto do carro, eu via Ethan ainda parado, encarando, suas mãos enfiadas nos bolsos, uma silhueta de raiva contra a chuva. Leon contornou o carro, e antes de entrar, parou. Virou a cabeça e olhou para Ethan uma última vez.

Foi um olhar rápido, mas eu o vi. Não era mais uma posse abstrata. Era uma marcação de território. Clara, inequívoca, destinada a Ethan entender, de uma vez por todas, quem ditava as regras naquele jogo. Então, ele entrou no carro.

O motor ligou, um zumbido quase inaudível. Ele colocou o carro em movimento, passando lentamente por Ethan, que não se mexeu.

O silêncio dentro do carro era um ser vivo, pulsando com tudo o que tinha acontecido nos últimos minutos. Eu olhava pela janela, a vergonha e a confusão me devorando.

— Ele não é uma ameaça, Leon — falei, a voz trêmula.

— Todo mundo é uma ameaça em potencial até que se prove o contrário — ele respondeu, as mãos firmes no volante. — E seu comportamento com ele te coloca em risco emocional, o que pode levar a riscos físicos.

— Meu comportamento? — virei-me para ele, a raiva começando a ferver, ofuscando a vergonha. — O que você sabe do meu comportamento? Você que quase me matou de vergonha, que... que...

— O assunto da academia — ele cortou, sua voz perdendo um pouco da frieza profissional, ganhando uma textura mais pessoal, áspera. — Podemos encerrá-lo? Eu apago a imagem. Você esquece o que viu. Voltamos aos parâmetros anteriores.

Foi a gota d'água. A frieza, a tentativa de apagar tudo como se fosse um erro de sistema.

— Esquecer? — minha voz subiu, quebrada. — Como eu vou esquecer, Leon? Você acha que é justo? Você me viu... daquele jeito. Você guardou. E agora acha que um 'delete' resolve? E você... o que você é! Por que meus pais... eles sabiam? Que você foi feito para... para outra coisa?

Ele respirou fundo, um som que era quase um suspiro humano de exasperação. — Sim. Eles sabiam. O Projeto NEX-9 foi apresentado a eles como a plataforma mais avançada e adaptável disponível. Kane os convenceu de que, com as modificações, eu seria o protetor ideal. Eles priorizaram a eficiência sobre a... origem.

— E você nunca me contou! — acusei, as lágrimas de raiva e traição queimando meus olhos.

— Qual seria o propósito? — ele perguntou, genuinamente. — ‘Olá, Olivia, sou seu novo guarda-costas. Fui originalmente projetado para ser um companheiro sexual de luxo. Agora, vou evitar que você se machuque.’ Isso teria facilitado nossa relação?

A crueza das palavras me deixou sem fôlego. Era tão lógico. Tão horrivelmente lógico.

— Mas você... você sente coisas? — a pergunta saiu antes que eu pudesse pará-la, movida por uma curiosidade mais profunda que a raiva. — Como humanos? Ou é só... simulação?

Ele ficou em silêncio por um longo tempo, observando a estrada. A chuva batia no para-brisa, os limpares faziam seu vai-e-vem hipnótico.

— É uma simulação... baseada em dados fisiológicos e respostas a estímulos — ele começou, cauteloso. — Mas a linha é... tênue. Para ser convincente, a simulação precisa ser complexa. Precisa... integrar-se.

— E com a Eira? — a pergunta saiu quase num sussurro. — Você... precisa fazer coisas com ela? Ou é só obrigação?

Desta vez, a pausa foi ainda maior. Eu podia quase ouvir o ruído de seus processadores. — Com a Eira... é um acordo. Uma parceria. Algumas funções são desativadas. Outras... são expressões de um vínculo. É diferente.

— Diferente de quê? — pressionei, sem saber ao certo o que estava perguntando.

Ele não respondeu.

O ímpeto da raiva estava se dissipando, substituído por uma curiosidade avassaladora e peculiar. A barreira havia sido quebrada. Ele estava respondendo.

— E... aquilo — continuei, o rosto pegando fogo novamente, mas a necessidade de saber era mais forte. — É ativado como nos humanos? Ou tem um... botão? Um comando?

Para minha absoluta surpresa, Leon riu. Não foi uma risada grande. Foi um som baixo, rouco, quase ofegante, que parecia sair do fundo do seu peito. Um som genuíno de surpresa e, talvez, de incredulidade divertida.

— Um botão? — ele repetiu, e o tom dele estava mais leve, quase humano. — Não, Olivia. Não há um botão ‘ligar/desligar’. Os sistemas de resposta são... integrados. Reagem a estímulos compatíveis. Como os biológicos.

Foi só então, ouvindo a minha própria pergunta ecoar naquele espaço íntimo do carro, com a leveza inesperada na voz dele, que percebi o quão longe eu tinha ido. O quão... empolgada eu estava com aquela conversa proibida. Meu rubor, que havia baixado, voltou com força total. Eu estava perguntando sobre a mecânica íntima de um androide como se estivesse debatendo o motor de um carro novo.

Mas o estranho foi: ele não parecia ofendido. Parecia... intrigado. Talvez até um pouco aliviado por finalmente falar sobre isso sem a sombra do armazém ou da academia entre nós.

— É muito estranho falar sobre isso — murmurei, olhando para minhas mãos no colo.

— É — ele concordou, simplesmente. — Mas menos estranho do que guardar silêncio.

Aquela frase me atingiu. Era verdade. O silêncio estava nos envenenando. A raiva, a vergonha, o desejo confuso, tudo vinha do não dito.

Olhei para ele. Seu perfil estava relaxado, os músculos da mandíbula não mais tensionados. Ele dirigia devagar, como se também estivesse processando aquele novo território.

— Leon — chamei, minha voz firme. — E se... e se a gente tentasse? Não esconder. Não fingir que esqueceu. Só... conversar. Quando alguma coisa dessas vier à tona. Ser sincero. Por mais estranho que seja.

Ele virou a cabeça por um segundo, seus olhos verdes encontrando os meus. A tempestade habitual neles havia se acalmado, dando lugar a uma consideração profunda, quase cautelosa.

— Sinceridade é um conceito complexo para um sistema baseado em camadas de programação e protocolos — ele disse, devagar. — Mas... o objetivo é evitar danos. O silêncio está causando danos. Então... — ele fez uma pausa, como se testasse a palavra antes de soltá-la — podemos tentar.

Um alívio tão profundo que doeu tomou conta de mim. Não era uma solução. Era uma trégua. Um tratado de paz em um campo de batalha emocional. Mas era um começo.

Ele voltou a olhar para a estrada, e eu para a chuva que agora parecia lavar mais do que a sujeira da cidade. Ela lavava um pouco da nossa sujeira também.

Pela primeira vez desde o armazém, desde a academia, desde o beijo de Eira, eu senti um fio de esperança. Talvez não conseguíssemos voltar ao que éramos. Talvez não devéssemos. Mas talvez pudéssemos abrir um novo livro. Um livro chamado Leon Voss,

sem as páginas censuradas. E eu, com um misto de terror e antecipação, percebi que estava pronta para começar a ler.